

Negócios internacionais

Diplomacia agrícola e fóruns internacionais

Adriano J. Timossi*

COM GRANDE experiência na agricultura, o Brasil poderá desenvolver um jogo estratégico na agenda de desenvolvimento econômico. As ações implementadas nesse sentido ainda são tímidas e distantes do potencial a ser explorado. Para que isso ocorra, oficiais de governo, parlamentares e setor privado devem estar mais integrados

com as questões globais, a exemplo do problema da febre suína que vivemos.

A China participa com grandes delegações nos fóruns internacionais. Com cerca de 1.500 diplomatas, a equipe nacional é relativamente pequena ante a crescente demanda e necessidade da presença do País em fóruns internacionais.

Eventos-chave para o Brasil em 2009

1) Unctad

Reunião da Comissão de Ciência e Tecnologia para o Desenvolvimento, neste mês, em Genebra. Há uma grande demanda de informações sobre a Embrapa, excelência em tecnologia agrícola tropical. A entidade prepara relatório sobre o tema de Tecnologia da Agricultura e Crise Alimentar, em que a experiência brasileira deve ser exaltada.

2) Cooperação Sul-Sul no Quênia

Conferência no Quênia em junho, quando serão celebrados os 20 anos da 1ª Reunião do TCDC – Cooperação Técnica entre Países em Desenvolvimento, realizada na Argentina, com o Plano de Ação de Buenos Aires.

Pelas suas experiências e seus interesses, o Brasil deve estar presente com uma comitiva do Itamaraty e outros ministérios, como da Saúde, do Meio Ambiente e da Agricultura. Com isso, vai se firmando ante a comunidade internacional como uma peça chave no campo de desenvolvimento econômico regional e global e cooperação Sul-Sul.

3) Bric (Brasil, Rússia, Índia e China)

Na reunião em junho de 2009, na Rússia, o Brasil deveria sugerir:

- a) O estabelecimento de um mecanismo de reuniões ministeriais e, sobretudo de ministros de Agricultura, para avançar em temas ligados ao comércio e à cooperação agrícola;
- b) Um programa de intercâmbio de estudantes, com apoio do setor privado e companhias estatais como Petrobras e Gazprom;
- c) Uma secretaria permanente em Genebra, a exemplo da Secretaria do Fórum Ibero-Americano, com uma estrutura enxuta, mas ativa e operante, para coordenar o diálogo e melhorar aproximação entre os países do grupo;
- d) A Secretaria Bric é importante, sobretudo no caso da Rússia e de sua esperada entrada para a OMC quando poderá ser um importante aliado para o G20, nas negociações agrícolas e de temas novos como energia;
- e) Este tipo de organização passaria uma clara mensagem aos tradicionais poderes globais da chegada de uma nova era da governança econômica e política mundial.

Apenas no Palais de Nations, em Genebra, sede do escritório da ONU, na Europa, são realizadas anualmente cerca de 8.000 reuniões com temas de impacto e posicionamento internacional da agricultura. Como muitas delas carecem da presença brasileira, a decisão de aumentar o corpo diplomático nacional com cargos de adidos agrícolas é importante.

Se o MAPA participasse da recente reunião de ministros de Agricultura do G8, na Itália, mostraria o grau de envolvimento e engajamento do País nos temas agrícolas internacionais.

No evento, a Itália questionou:

- O aumento da produção de biocombustíveis;
- A produção de alimentos ligados ao desmatamento;
- A necessidade de mudança nos hábitos alimentares, tendo em vista a redução no consumo de carnes como uma ação para reduzir impactos negativos das mudanças climáticas;
- O cumprimento do bem-estar animal.

Ao mesmo tempo que apresenta o seu modo de produção como modelo para o mundo, a União Européia mantém sob seus olhos protocolos de desrespeito ao bem-estar animais em nome de sua “herança cultural”, como as touradas da Espanha.

Apesar da sua produção *foie gras* ser obtida à custa de uma produção intensiva de patos (para aumentar em até dez vezes o tamanho normal de seu fígado), o presidente Nicolas Sarkozy anunciou que a França se prepara para solicitar à Unesco o reconhecimento de sua culinária como patrimônio da humanidade!

A presença brasileira serviria para replicar o “lado negro de outras agriculturas” e os objetivos ocultos nos ataques em que associam os avanços da agricultura brasileira ao aumento na área desmatada na Amazônia. Alianças com países emergentes para enfrentar as posições apresentadas pelos países ricos do G8, são estratégias que devem ser parte principal dos trabalhos da diplomacia agrícola brasileira, com a instituição dos adidos agrícolas. ■

*Especialista em Desenvolvimento Econômico
Email: timossiaj@yahoo.com